

# Resenha

## O MENINO NEGRO: AS MEMÓRIAS DE CAMARA LAYE

*Issaka Maïnassara Bano<sup>1</sup>*

*Vivendo em Paris, longe da minha Guiné natal e distante dos meus parentes, onde moro há anos num isolamento raramente interrompido, transportei-me milhares de vezes através do pensamento até o meu país e perto das minas. E então, um dia, eu pensei que essas lembranças, que na época estavam frescas em minha memória, poderiam, com o passar do tempo, desaparecer, apagar ou ao menos enfraquecer. E eu comecei a escrevê-las. Laye.<sup>2</sup>*

Camara Laye nasceu em 1928 na cidade de Kouroussa, numa aldeia da Alta Guiné. Após os estudos na escola francesa, mudou-se para Conakry, a capital, para continuar seus estudos. Suas excelentes notas permitiram-

---

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, mestrando em Educação e Ciências Sociais pela Faculdade de Educação-Unicamp. [issaka.bans@gmail.com](mailto:issaka.bans@gmail.com).

<sup>2</sup> HUTCHINSON, Joyce. In: LAYE, Camara. *The Dark Child*: Cambridge UP, p.9, 1966.

lhe uma bolsa integral para estudar na Escola Central de Engenharia Automotiva (École Centrale d'Ingénierie Automobile) em 1947, na comuna de Argenteuil, França. Após obter o Certificado de Formação Profissional de mecânico, sustentou-se trabalhando na área durante o dia e à noite estudava no Conservatório Nacional das Artes e Cios (Conservatoire National des Arts et Métiers) e no Colégio Técnico da Aeronáutica e de Construção Automotiva (Collège Technique de l'Aéronautique et de Construction Automobile).

Durante esse período, atravessou um momento de angústia devido a suas tentativas fracassadas de ser engenheiro na cidade parisiense; foi nessa época que escreveu *L'Enfant noir*, publicado pela Editora Plon, em 1953 (O Menino Negro, Ed. Seguinte, 2013), sua obra mais conhecida. Por seu impacto, ela inspirou um filme que foi dirigido pelo cineasta Laurent Chevallier, lançado em outubro de 1995. Além desse, publicou outros três livros: *Le Regard du roi*, Ed., 1954; *Dramouss*, Ed., 1966 e o seu último romance; *Le maître de la parole*, Ed., 1978. Morreu em 1980 durante o exílio em Dakar, Senegal.

Escrito na solidão em Paris, *L'Enfant noir* é um romance autobiográfico que traduz, através de seu classicismo e de sua aparente ingenuidade, a vontade do autor de se reconectar com o paraíso perdido da infância, e também o desejo de reviver as realidades da vida tradicional africana, cujas memórias nunca foram esquecidas. A obra é dedicada à sua mãe, descrita como uma mulher amável, generosa, com uma postura digna e correta; tinha um andar naturalmente digno. Acompanhou-o desde os seus primeiros passos até a adolescência. A dedicatória, À MA MÈRE (Para minha mãe), é uma homenagem à mulher, tornou-se um dos poemas mais conhecidos e ensinados em salas de aula, principalmente nos países da África de expressão francesa.

Nos cinco capítulos iniciais, Laye apresenta suas primeiras lembranças a partir de três a cinco anos de idade, quando ainda brincava, ora perto do ateliê do seu pai, ferreiro, ora perto da casa da sua mãe na cidade em que nasceu. Nessa idade, ele não sabia o perigo que uma serpente representava; mas guardava em suas memórias de infância, embora não muito precisas, o carinho mútuo

do ambiente familiar, os detalhes das casas, a influência das crenças religiosas nas atividades do cotidiano e a vida nas aldeias africanas: uma vida de união, de fraternidade e de comunidade. O autor apresenta também uma descrição da profissão de ferreiro, sobretudo da sua posição social naquelas sociedades.

Ao relatar as férias que costumava passar na aldeia da sua avó materna durante o mês de dezembro em Tindican, local muito distante da aldeia natal, o autor retrata uma realidade totalmente diferente daquela vivida anos depois na França. Ali, ao nascer do sol, os homens iam aos campos de plantações e as mulheres se encarregavam das atividades domésticas; a vida se configurava, principalmente, pelos trabalhos nos campos de plantações e pela caça. À noite, as crianças reuniam-se em volta de uma fogueira ao céu aberto e cheio de estrelas, enquanto brincavam ou ouviam histórias contadas por anciões e griots.<sup>1</sup>

Para ele, o mês de dezembro era a estação seca, a bela estação; era também a época da colheita de arroz. Todos os anos Camara Laye era convidado para participar dessa colheita, um momento de grande festa e alegria:

Tudo é florido, tudo parece bom; tudo está primaveril; a primavera parece unir-se ao verão [...], nunca o céu é mais claro, mais resplandecente; os pássaros cantam, eles estão ébrios; a alegria está em todo lugar, explode em todos, e em cada coração pulsante, foi esta estação do ano, a bela estação, que me *dilatait la poitrine*,<sup>2</sup> e o tambor também, eu o aprecio, e o ar de festividade da nossa marcha; foi a bela estação e tudo que ela contém – e que ela não contém: que ela espalha em profusão – que me fazia dançar de alegria! (LAYE, 2007, p. 47).

Através da narrativa desse momento, é possível examinar alguns elementos importantes da vida dos cultivadores: os cantos, o ritmo dos tambores, o trabalho em grupo, o simbolismo “do sinal da colheita” etc. Esses elementos,

<sup>1</sup> Briots, griôs ou djéli (em malinké), são contadores de histórias orais, músicos, detentores das lendas e dos mitos. São responsáveis por preservar e transmitir os conhecimentos, canções, fatos históricos etc., de uma cultura; são considerados os artesãos da palavra oral. Em comunidades onde a televisão e o rádio têm pouco alcance, alguns são responsáveis por anunciar batismos, casamentos, vacinação contra uma epidemia, desaparecimentos de pessoas, visitas de personalidades, convocações para trabalho coletivo em fazendas de rei ou chefes de aldeias durante a estação chuvosa etc.

<sup>2</sup> Dilatar o peito, sentir o coração inflar de alegria.

bem como outros presentes ao decorrer da obra, requerem uma leitura cuidadosa e profunda para não se ignorar o fundo cultural original.

O sexto capítulo representa o início de uma ruptura com as tradições africanas e simultaneamente a descoberta de um novo mundo, a escola: primeiro, a corânica; mais tarde, o sistema educacional francês, que o autor chamou de *escola francesa*. Em ambos ele afirma ter começado muito cedo, mas não menciona exatamente com que idade. Para Laye, o estudo era algo sério e apaixonante, descrevendo-se como um aluno extraordinariamente concentrado sem esforço nenhum. Aqui é possível ver um ambiente escolar com características singulares no que tange à relação entre os alunos – sexo masculino e feminino, mais velhos e mais novos -, alunos e professores, a relação destes com os pais daqueles; o medo do quadro negro, da figura do professor e das variedades de castigos e punições escolares, dos mais banais aos mais rígidos e, ainda, o *bullying* que quase o levou a abandonar a escola.

Nos dois capítulos seguintes Laye aborda uma prática, até hoje muito comum nos países africanos, isto é, a circuncisão: em algumas culturas ou religiões, por exemplo, ela é praticada no sétimo dia após o nascimento da criança; em outras, durante a puberdade. Essa prática diverge dependendo da cultura, da religião e conseqüentemente da idade da criança. A circuncisão mencionada na obra é a masculina, de que participou um grupo de meninos com doze, treze e quatorze anos de idade, entre eles o próprio autor. Em seus comentários no final do oitavo capítulo, entende-se que a excisão, mais conhecida atualmente como a Mutilação Genital Feminina, também é praticada. Porém, é o único momento em que o assunto é mencionado *en passant*.

No caso da cultura Malinké, que é a do autor, existe um ritual de iniciação, chamado de “o encontro com Kondén Diara”, “a noite de Kondén Diara”, “a cerimônia dos leões” ou “o teste do medo”, que precede a circuncisão; este é considerado misterioso e aterrorizante pelos incircuncisos. São levados a um lugar sagrado, acompanhados de “estranhos”, griots e tamboristas, onde passam do anoitecer ao amanhecer ao redor de uma fogueira: uma parte desse tempo aprendem cantos de circuncisão, recebem conselhos e instruções; a outra parte do tempo ficam ajoelhados, com a testa encostada no chão e os olhos fechados

pelas mãos, enquanto ouvem diferentes rugidos de leões, “são dez leões, são vinte, talvez sejam trinta leões [...], apenas alguns metros nos separam deles [...] de todos os tamanhos, de todas as idades [...] dos mais velhos aos mais novos.” (LAYE, 2007, p. 90). O objetivo desse ritual é preparar a criança para enfrentar e vencer o medo da circuncisão. Depois dessa noite, ela deixa de ser inocente. Ela adquire um novo tipo de conhecimento que a faz renascer para uma vida nova, a adulta. Os segredos do ritual não são revelados à criança, é como se os mistérios da noite de Kondén Diara (um terrível monstro, meio homem, meio besta, um leão) fossem guardados a sete chaves, permitindo seu desvendamento apenas àqueles com a idade certa:

Mais tarde soube quem era Kondén Diara e soube também que os riscos eram inexistentes, mas só aprendi isso na hora que me foi permitido. Enquanto não fomos circuncidados, enquanto não fazemos parte dessa segunda vida que é nossa vida, nada nos é revelado, não conseguiremos descobrir nada. (LAYE, 2007, p. 97).

Os rituais da circuncisão são dedicados à alegria: são momentos de festas que envolvem segredos e mistérios; representam o renascer da criança, o abandono da infância e da inocência. Mais uma vez, notamos três elementos presentes em vários momentos da obra: o ritmo, a dança e os tambores. Pode-se dizer que eles constituem elementos importantes na literatura africana. Eles estão presentes em muitos romances, poemas, contos, teatros e novelas de autores e autoras, como Mariama Bâ (*Une Si Longue Lettre*, 1981), David Diop (*Celui qui a tout perdu*, 1956), Aminata Sow Fall (*L’Appel des Arènes*, 1982) e Léopold Sédar Senghor (*Femme noire*, 1945).

A circuncisão é considerada um dos momentos mais importante da vida, representa o início da vida adulta. De fato, percebe-se uma mudança no modo como a *criança* se relaciona com os outros e como estes se relacionam com ela. O episódio em que Laye recebe a visita da mãe na casa de isolamento durante a cicatrização é uma demonstração clara disso; no breve diálogo mantido nesse encontro, ele percebe que algo mudou, que há um distanciamento afetivo entre os dois. Sua relação não é mais de criança-filho e mãe, mas de homem-filho e mãe. Aquele que era visto como uma criança duas semanas atrás, agora é

visto como homem, embora tivesse menos de quatorze anos de idade. Quando ele volta para casa depois de quatro semanas, percebe que as coisas mudaram: agora deve dormir numa casa separada, não mais na mesma que a mãe; também passa a usar *vestimentas de homem*.

Ficar longe dos pais por curtos períodos de tempo lhe era comum: costumava passar as férias de dezembro em Kouroussa, lugar que admirava. Mas aos quinze anos de idade decide seguir os estudos na capital, Conakry. Fazer o ensino técnico e prático centenas de quilômetros distante da família foi, até então, a experiência mais desafiadora que tivera. Separar-se daquele calor e doçura do ambiente familiar era algo inimaginável; despedir-se da mãe, do pai, dos irmãos, das irmãs e dos amigos foi um momento difícil. Uma vez na capital, sentiu-se deslocado, tinha a impressão de ter deixando tudo para trás: “eu estava em Conakry e não estava de fato em Conakry: ainda estava em Kouroussa e não estava mais em Kouroussa! Estava cá e lá; estava dividido. Sentia-me muito sozinho, apesar das boas-vindas calorosas que eu recebi.” (LAYE, 2007, p. 97).

Sob domínio colonial, a capital da Guiné Francesa era a única que possuía ensino técnico e prático no país. Os alunos que concluíam o segundo grau e que queriam ter esse tipo de formação teriam de mudar para Conakry; a maioria deles escolhia o curso técnico e prático porque permitia uma rápida integração no mercado de trabalho. Além disso, não havia nenhuma universidade em todo o território nacional, os cursos superiores eram oferecidos no Senegal, que na época também fazia parte da colônia francesa. Sua primeira impressão na nova realidade foi sobre a cidade: iluminada, com infraestrutura, clima e comportamento sociocultural diferente da qual estava acostumado, foi a primeira vez em que ele dormiu numa casa europeia. Embora a cidade fosse fortemente influenciada pela colonização – sistema educacional e empresas francesas, principalmente – ele percebia que havia esforços da população local em conservar os hábitos culturais e as práticas religiosas. Por exemplo, as vestimentas europeias eram usadas apenas nos ambientes de trabalho, sendo as roupas tradicionais usadas fora desses ambientes; e as línguas locais eram praticadas na maior parte do tempo; o tio, que o hospedou, muçulmano, era um homem profundamente religioso, o Alcorão guiava a sua vida.

A experiência no ensino técnico e prático, a princípio, não foi o que ele almejava: teve a impressão de que a qualidade do novo sistema de ensino era inferior à do anterior, as exigências, a rigidez, o nível de dificuldade das disciplinas eram menores; uma parte do tempo de estudo era dedicado a trabalhos manuais num ateliê. O seu consistia em limar sucatas e aplinar madeiras sob a supervisão de um monitor. As longas horas de trabalho em pé causaram uma inflamação nas pernas e posteriormente uma úlcera: “Se fosse em Kouroussa, esse mal teria sido curado, talvez nem o teria extraído, mas, aqui, nesse clima infernal e supersaturado de água, ao qual o corpo não teve tempo de se adaptar, a ferida rapidamente aumentou e fui hospitalizado” (LAYE, 2007, p. 97). Destarte, perdeu o primeiro ano letivo, recuperando-se no início das férias.

Durante seus três anos de curso, o leitor acompanha a formação educacional do autor; era aplicado e sempre esteve entre os melhores alunos da turma, mas também era possível perceber uma ruptura cada vez maior com as realidades da infância, ruptura que se tornou maior quando foi para França. Após a formatura, retornou para casa, Kouroussa, com a notícia de ter ganhado uma bolsa integral para estudar na França. Essa notícia não foi bem recebida pela mãe, que insistiu que seu filho não poderia partir para tão longe, devendo ficar a seu lado; foi convencida com a promessa de que um dia iria retornar. De fato, ele retornou em 1957, um ano antes da independência do país, onde ocupou postos importantes no Ministério da Informação até 1963, quando então se decepcionou com a política e os crimes cometidos pelo governo do então presidente Sékou Touré.

Bem recebida pela crítica europeia (venceu o prêmio Charles Veillon, 1954), a obra não foi muito bem vista por intelectuais africanos. Uma das críticas mais severas e famosas foi feita pelo escritor camaronês Mongo Béti (pseudônimo de Alexandre Biyidi Awala). Para este, quando a obra foi escrita, “o mundo estava dividido em dois blocos de poder, opostos num antagonismo tão violento que não havia mais lugar para neutralidade.” (p. 139). Em sua concepção, “escrever sobre a África Negra [naquela época], é tomar partido a favor ou contra a colonização” (ibidem). O autor ainda argumenta que “a única realidade profunda da África Negra nessa época é, antes de

tudo, a colonização e seus prejuízos” (p. 137). E quando Camara Laye, negro, colonizado e consciente dos graves problemas no continente e em seu país natal, escreve sobre sua participação na cerimônia de iniciação, em festas na aldeia, relatar sobre serpentes, circuncisão etc., sem mencionar a luta anticolonial ou a violência colonial, é resumir-se ao pitoresco, é ignorar o contexto histórico do continente.

Atualmente a obra é bastante lida e é importante porque aborda questões antropológicas, culturais, educacionais, sociológicas e religiosas, é considerada a primeira da literatura guineense; pode-se dizer que a história da literatura do país começou com *L'Enfant noir*. Mais tarde, em 1960, Dibril Tamsir Niane publicou o romance *Soundjata ou L'Épopée mandingue*. Depois houve esforços de outros autores, mas foram censurados pelo regime do então presidente Sékou Touré. A severidade do seu regime justifica a baixa produção literária no país durante os anos 70 e 80. Explica também o porquê, durante esse período, da grande maioria dos autores terem sido exilados (Aloum Fantouré, William Sassine, Tierno Monénembo etc.). O próprio Camara Laye foi condenado ao exílio após a publicação do livro *Dramouss* (1966), no qual ele critica e denuncia os crimes de um poder despótico. Atualmente o governo guineense é mais tolerante e os autores podem produzir e publicar em seu país de origem, mas passaram-se décadas antes de terem essa liberdade.

## Referências bibliográficas

BIYIDI, Alexandre. **Afrique Noire, Littérature rose**. Paris: Présence Africaine, nouvelle série, n. 1/2, avr./juil., 1955, p. 133-145.

CHEVRIER, Jacques. **Anthologie africaine I: le roman et la nouvelle**. Île de France: Hatier International, 2002.

HUTCHINSON, Joyce. **Introdução**. In: LAYE, Camara. *The Dark Child*: Cambridge UP, p.9, 1966.

LAYE, Camara. **L'enfant noir**. Paris: Poket, 2007.